

## AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: PERCEPÇÕES DOCENTES

Sandra da Conceição Cunha<sup>1</sup>  
José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho<sup>2</sup>

### RESUMO

O processo de avaliar não é tão simples como parece. Carece, portanto, de adequações ao longo do processo de ensino-aprendizagem, haja vista a diversidade de sujeitos e experiências vivenciadas por eles conforme o contexto em que estão inseridos, bem como outros fatores que podem interferir nessa passagem, a saber: fatores econômicos, familiares, dentre outros. O presente estudo traz como questão problema: Quais percepções os docentes da Educação Profissional têm em relação a avaliação da aprendizagem? Objetivou-se de maneira geral investigar as percepções dos docentes da Educação Profissional em relação a avaliação da aprendizagem. Concluímos, portanto, que as percepções dos docentes em relação a avaliação da aprendizagem ainda apresentam superficialidade em termos de conhecimento da temática em questão, apontando que têm dificuldades reais em efetivar a prática avaliativa no seu cotidiano e são reconhecedores que necessitam de formação que venha atender a essa necessidade formativa.

**Palavras-chave:** Avaliação; Educação profissional; Percepções docentes.

### INTRODUÇÃO

Em uma sociedade marcada por intensas mudanças que refletem consideravelmente na escola, certamente é exigido cada vez mais dos profissionais que nela atuam, em especial os professores, uma postura responsável e transformações que compreendam tais mudanças.

Considerando os diferentes contextos e realidades, a escola vem buscando se adequar às mudanças no enfrentamento aos entraves sociais que reverberam sobre a instituição escolar, sendo que os professores, enquanto atores desse processo, devem buscar e ajustar o conhecimento conforme as transformações. Esses ajustes devem estar em consonância com os objetivos e conteúdos curriculares, e continuamente ocorrer a verificação e avaliação do processo ensino-aprendizagem, pois é necessário certificar-se daquilo que foi proposto para que novos ajustes possam ser realizados por meio da avaliação, e assim os alunos logrem êxito nessa jornada.

Entretanto, o processo de avaliar não é tão simples como parece. Carece, portanto, de adequações ao longo do processo de ensino-aprendizagem, haja vista a diversidade de sujeitos e experiências vivenciadas por eles conforme o contexto em que estão inseridos, bem como

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal - PI, [sandra.cunha@ifpi.edu.br](mailto:sandra.cunha@ifpi.edu.br).

<sup>2</sup> Professor Orientador: Doutor, Universidade Federal – PI, [augustoc.2sobrinho@ufpi.edu.br](mailto:augustoc.2sobrinho@ufpi.edu.br).

outros fatores que podem interferir nessa passagem, a saber: fatores econômicos, familiares, dentre outros.

Logo, se para um professor cuja a formação inicial está voltada à docência e que o currículo contempla os conhecimentos necessários para o desempenho da atividade do magistério e teve a oportunidade de conhecer como se constitui o processo avaliativo e suas nuances, a temática da avaliação ainda causa estranheza e controvérsia entre esses profissionais. Assim, trazemos para reflexão os docentes bacharéis, cuja a formação inicial não está direcionamento à docência, em que o processo formativo não contempla a formação pedagógica em que aborda a questão da avaliação.

Nesse sentido, o presente estudo traz como questão problema: Quais percepções os docentes da Educação Profissional têm em relação a avaliação da aprendizagem? Objetivou-se de maneira geral investigar as percepções dos docentes da Educação Profissional em relação a avaliação da aprendizagem. A metodologia centra-se numa abordagem qualitativa, tendo como tipo de pesquisa a bibliográfica e narrativa.

Embora a temática “Avaliação” esteja com frequência no centro dos debates de âmbito nacional e internacional, é sempre uma discussão bem-vinda, pois é um tema que gera muitas discussões, principalmente entre os docentes. Pode-se atribuir a isso, a forma como os professores concebem a avaliação a partir das experiências que tiveram ao longo de suas trajetórias, tanto como aluno na graduação, bem como antes dela. Durante muito tempo, culturalmente a avaliação era vista como um instrumento de punição e/ou classificação.

Estruturamos o trabalho em três seções: a primeira consiste no Itinerário Metodológico; a segunda, Avaliação da Aprendizagem: aspectos teóricos; terceira, Resultados e discussões e a última, consideração finais.

## **ITINERÁRIO METODOLÓGICO**

A metodologia firma-se numa abordagem qualitativa. Esse tipo de abordagem aproxima o pesquisador e o participante da pesquisa. A investigação qualitativa permite que eles tenham maior aproximação, estabelecendo assim os diálogos e interações necessárias para o desenvolvimento do estudo. Destarte, esse tipo de abordagem proporciona ao pesquisador a criação de inúmeras estratégias e procedimento que viabilizam a tomada de informação do participante (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Apresentamos como a questão problema: quais percepções os docentes da Educação Profissional têm em relação a avaliação da aprendizagem? Objetivando de maneira geral

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

investigar as percepções dos docentes da Educação Profissional em relação a avaliação da aprendizagem. Especificamente: conhecer como os docentes da Educação Profissional concebem a avaliação da aprendizagem e identificar as dificuldades apresentadas pelos docentes da Educação Profissional em relação a avaliação da aprendizagem.

Adotamos a pesquisa bibliográfica e narrativa para o desenvolvimento deste estudo, sendo que a primeira utilizamos para fazer o levantamento da literatura que nos fundamentamos para o estudo do objeto em questão. A segunda proporciona uma maior aproximação entre investigador e investigado, além do mais, esse tipo de pesquisa promove o processo de rememoração, onde o sujeito investigado lembra de fatos que muitas vezes estão adormecidos. Nessa perspectiva, Jovchelovitch e Bauer (2010, p. 91) afirmam que “[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.”

Portanto, à medida que os sujeitos narram, trazem à tona suas memórias acerca de determinada temática. Imprimem seus pré conceitos acerca do assunto, o que pensam e sentem. E conforme vão sendo estimulado apresentam mais elementos.

Dentro dessa perspectiva temos como interlocutor os bacharéis docentes da Educação Profissional do Instituto Federal do Piauí (IFPI). O contexto empírico da pesquisa é o Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Piauí, *Campus* Piriipiri. A técnica de produção dos dados é a narrativa e como instrumento, um roteiro de perguntas. Os participantes deste estudo foram sujeitos da pesquisa de mestrado dessa pesquisadora. Os mesmo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de aprovado pelo Comitê de Ética, conforme termo consubstanciado com parecer “Aprovado” em 05 de novembro de 2018.

## **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ASPECTOS TEÓRICOS**

Discorrer acerca da temática levou a empreender uma discussão sobre a avaliação da aprendizagem a partir das percepções dos docentes da Educação Profissional, considerando que esses profissionais têm uma lacuna na formação inicial, haja vista o currículo não está direcionado à docência.

A avaliação perpassa os diferentes níveis de ensino e modalidade, residindo dúvidas que perduram a muito tempo, como por exemplo: para que avaliar? como avaliar? quais os tipos de avaliação? o que são instrumentos avaliativos? para que critérios de avaliação? Enfim, vários são os questionamentos e muitos são os debates entorno dessa temática.

Vale ressaltar que temos dois sujeitos importantes para que ocorra o processo de avaliação da aprendizagem, a saber: o professor e o aluno. O primeiro mediador do conhecimento, quem ensina e aprende, estabelece formas e critérios de avaliação. O segundo, o que aprende e construtor de conhecimento à medida que vai sendo estimulado, aquele também que será avaliado. Porém, dependendo da concepção de ensino que o professor esteja vinculado, a avaliação pode ter finalidades diferentes ou tratada com superficialidade.

Corroborando com a discussão, Zabala (1998), considera que se o professor defende uma concepção de ensino que foca na seleção dos melhores alunos para que possam continuar os estudos até que alcancem a universidade, certamente os esforços se centrarão em trabalhar com esses alunos para que alcancem os resultados previstos. Assim, a ênfase que se faz está em relação a função sancionadora, ou seja, aquela que irá “[...] qualificar e sancionar desde pequenos aqueles que podem triunfar nesta carreira até as universidades.” (p. 197).

Ainda nesse direcionamento, o autor traz outra reflexão, a de que não basta selecionar aqueles com maior aptidão para o alcance do ensino superior, mas que sobretudo contribua para o desenvolvimento de outras dimensões da personalidade do sujeito. Desse modo, busca-se uma formação que vise o envolvimento integral do educando, com isso não só o processo de ensino passa por mudanças, mas a concepção de avaliação necessariamente precisa ser modificada.

Nessa perspectiva, os conteúdos e objetivos do ensino passam por modificações. Essas devem estabelecer uma conexão com o desenvolvimento integral do aluno, fazendo com esse demonstre as mudanças em suas atitudes, na forma como irão lidar com os problemas do cotidiano, bem como a maneira que irão se posicionar diante de determinadas decisões e a forma como compreenderão esses conteúdos. Ainda nesse direcionamento, Zabala (1998, p. 197) considera que:

[...] os conteúdos de aprendizagem a serem avaliados não serão unicamente conteúdos associados às necessidades do caminho para a universidade. Será necessários, também, levar em consideração os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que promovam as capacidades motoras, de equilíbrio e autonomia pessoal, de relação interpessoal e de inserção social.

O autor chama atenção para uma formação que vise atender o educando em sua totalidade, que estimule-os a serem autônomos, que sejam capazes de agir e interagir com as demais pessoas que encontrarão durante a trajetória de vida. A avaliação a partir dessa concepção, tem uma função formadora no sentido de contribuir com o processo de formação

do sujeito, com vistas ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o aprimoramento do sujeito frente a sociedade.

Todavia, na atualidade as exigências sociais são mais acentuadas que no passado, exige-se que a escola forme os alunos não mais apenas para o ingresso na universidade, mas que venha atender as demandas impostas pela economia internacional.

Corroborando com a discussão, Libâneo (2011) considera que as transformações ocorridas na sociedade sugerem contornos que estejam integrados aos avanços tecnológicos, assim como os novos modelos de produção que exigem cada vez mais trabalhadores qualificados e, conseqüentemente tende a modificar também a forma de se estabelecer um novo modelo de educação.

Nesse sentido, a forma como a educação se organiza influencia sobremaneira o trabalho pedagógico e por seguinte o trabalho docente, dando novos direcionamentos ao desenvolvimento do seu trabalho. Nesse cenário em que nos deparamos com os avanços tecnológicos e com diferentes forma de produção do trabalho, a educação tem papel fundamental no processo de qualificação do trabalhador, tendo portanto, que adequar-se as novas demandas.

Ainda nessa perspectivas, trouxemos as instituições de ensino que ofertam a Educação Profissional que abarcam um público diversificado, em especial, aqueles que são oriundos de camadas sociais mais baixas, onde a maioria são pessoas que querem se qualificar mas que também necessitam trabalhar. Assim, Sousa e Moura (2019, p. ) afirmam que o público da Educação Profissional, especificamente, dos institutos federais são “[...] adolescentes saídos do ensino fundamental, jovens em curso ou egressos do ensino médio e adultos de percursos formativos descontínuos [...]” e que requerem cuidados por parte dos docentes que nela atuam.

Todavia, se faz necessário salientar que os docentes da Educação Profissional, são bacháreis que decidiram seguir a carreira docente e que ainda lhes faltam conhecimentos pedagógicos para o aprimoramento de sua atividade. Dentre os conhecimentos essenciais relacionados ao desempenho profissional está a avaliação. A maioria traz consigo concepções de avaliação vivenciadas por eles quando ainda eram alunos dos diferentes níveis de ensino. Assim é expressa a urgência de se debater acerca da temática na EP, considerando essa lacuna na formação desses profissionais.

Avaliar embora pareça ser um ato simples na visão do senso comum, traduz-se num universo extremamente complexo, haja vista os diferentes momentos em que ocorre, a concepção de ensino em está atrelada, bem com o seu objetivo. Nessa perspectiva, Masetto (2012) considera que a compreensão que os professores têm sobre avaliação está diretamente

relacionada por nota, talvez isso se deva ao fato de que culturalmente esse tenha sido a finalidade atribuído a ela, apenas quantificar para classificar.

Um outro aspecto que permeia em torno da avaliação centra-se nos tipos (diagnóstica, formativa ou somativa), função e a finalidade de cada uma. Além do mais, as variações que ocorrem nas avaliações, se levarmos em consideração os diferentes níveis e modalidades de ensino.

Corroborando com a discussão Zabala (1998), defende que a avaliação não se manifesta estaticamente, mas que tenha movimento, necessariamente tem um início, denominada de avaliação inicial, que visa buscar saber aquilo que o aluno traz a partir de suas vivências e como sabe fazer. O ponto de partida deve ser a partir desse diagnóstico para que o docente possa definir os objetivos e quais conteúdos a serem abordados.

Durante o processo de ensino aprendizagem essa avaliação vai sendo regulada, à medida que vai se percebendo como os alunos reagem e, assim, vai adaptando o processo a eles. Essa avaliação é denominada de avaliação reguladora também conhecida como Formativa.

Zabala (1998) aborda a avaliação final ou somativa que diz respeito a visão global do processo, considerando as etapas vivenciadas pelo educando, os avanços e as dificuldades, fazendo com que o professor permita replanejar a partir de um olhar mais apurado sobre aquilo que deve ser revisto ou não, daquilo que ainda pode ser necessário.

Nesse sentido, para que se possa chegar a essa compreensão e reflexão faz-se necessário abertura dessa temática nos momentos de formação continuada, seja nos espaços escolares ou extraescolar. Aos bachareis que estão na docência e que não têm formação pedagógica é importante participarem de formações dessa natureza no intuito de cada vez mais diminuir os entraves encontrados no *locus* da sala de aula. Avaliar é para além de uma nota, compreensão do todo na vida acadêmica de um aluno, de um grupo ou de uma classe.

Ainda nessa perspectiva Bertagna e Sordi (2016) tratam que o estudo sobre a avaliação nas suas mais variadas perspectivas deve ser fomentado aos professores desde a formação inicial a continuada, e para isso também é importante a busca por parcerias especialmente com as universidades, considerando que nesse contexto se produz conhecimento e onde o debate vem acontecendo de maneira mais fervorosa, onde as políticas de avaliação vêm sendo discutidas junto aos alunos, professores e gestores.

Segundo Fernandes e Freitas (2008), a avaliação deve ser considerada como uma projeção futura que orientará o trabalho docente, com vista à melhoria de sua atividade. Salientam ainda que, quando a avaliação é vista com perspectivas futuras vai se desconstruindo a concepção de que ela só é utilizada para medir, pois vem sendo um parâmetro de medida, que

foi tão presente no passado e que ainda perdura nos dias atuais. Tendo como finalidade a obtenção de dados acerca do desempenho do educando. Avaliar é, portanto, um exercício de reflexão sobre os dados obtidos numa perspectiva integradora do sujeito.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontados são frutos de narrativas realizadas na pesquisa de Mestrado da Pesquisadora, considerando que os interlocutores também foram os mesmo deste estudo e, na oportunidade apresentaram como necessidade formativa a temática da avaliação. Os interlocutores são bachareis docentes da Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFPI), *campus* Piri-piri-Piauí. Nestes estudos, estão identificados como Docentes A, B e C, dando destaque apenas a esses três por apresentarem a mesma necessidade formativa. Assim, destacamos alguns trechos das narrativas visando atender aos objetivos propostos: a) conhecer como os docentes da Educação Profissional concebem a avaliação da aprendizagem e, b) identificar as dificuldades apresentadas pelos docentes da Educação Profissional em relação a aplicação da aprendizagem.

Atendendo ao objetivo específico que diz respeito a conhecer como os docentes da Educação Profissional concebem a avaliação da aprendizagem, os interlocutores em suas narrativas destacaram que:

[...] você acha que suas aulas estão excelente e que tá todo mundo compreendendo. Então, por isso que eu julgo, muitas vezes você indagar, você questionar os alunos, né? como está se dando essa compreensão, se de fato eles estão compreendendo. Porque a partir do que eles dizem, nos ajuda também a saber o que é que pode ser mudado, aí foi assim que eu consegui mudar muita coisa das minhas aulas, né? Eu notei que aulas mais dinâmicas, por exemplo, é, eles conseguiram aprender mais, a pegar melhor conteúdo. (DOCENTE A).

[...] uma revisão da forma como estou fazendo a abordagem, uma autocrítica e aí eu tento buscar novas metodologias, novas estratégias de ensino, de avaliação pra que eu possa [pausa] mudar esse cenário. [...] às vezes uma atividade que eu fiz numa turma na outra já não fica legal, eu tenho que mudar. As vezes a gente fica um pouco acomodado e as vezes quer manter o mesmo padrão. Aí a gente tem que mudar quando vê que a turma não está se desenvolvendo direito. (DOCENTE B)

[...] eu aprendi por conta própria [...]. eu não sei se está certo ou não, é uma coisa que vem dando certo, mas as minhas avaliações todas são pautadas na, no meu plano de ensino na aba de objetivos e competências; habilidades e competências. Sempre que eu faço uma prova, que eu elaboro um conjunto de questões e olha pra lá e vejo: bom, essa prova aqui tá mexendo em alguma

dessas coisas, tem alguma coisa dessa prova que tá fora disso? Então eu aprendi por conta própria, assistindo vídeo aula, indo atrás, conversando com pedagogos sobre isso, mas assim, mais uma vez de maneira experimental, porque não tive. (DOCENTE C)

Diante dos relatos dos interlocutores é possível apreender que eles apresentam um entendimento acerca da avaliação ainda de maneira superficial e pautada também em experiências próprias que à medida que testam e dão certo ficam armazenadas para serem utilizadas sempre que necessário. Porém, requerem aprofundamento teórico-prático, pois são influenciados por saberes da experiência, seja de suas próprias ou de outros colegas.

Corroborando com a discussão, Fernandes e Freitas (2008) consideram que aqueles que escolhem a docência devem assumir todas as responsabilidades inerentes ao cargo e dentre elas está o ato de avaliar, direcionada a avaliação da aprendizagem dos alunos. Entretanto, é preciso ter consciências também que reside a necessidade de estimular o exercício da autoavaliação que poder ser realizada de forma individual ou em grupo, assim, como pode ser feita entre professores e alunos, professores e professores, professores e gestores, gestores e alunos, alunos e alunos.

Ainda nesse sentido, Zabala (1998, p. 220) afirma que a “[...] autoavaliação não pode ser um episódio nem um engano; também é um processo de aprendizagem de avaliação do próprio esforço e, portanto, é algo que convém planejar e levar a sério.” Esse é um exercício diário tanto para os professores como os alunos, devendo fazer parte da rotinas desses sujeitos, a partir da explanação do objetivo dessa atividade cotidianamente, afim de não ser um elemento que venha trazer desgaste para ambas as partes.

Portanto, a busca pelo aprofundamento dessa temática se faz necessário sempre, para que o professor possa diminuir ao máximo as dificuldades encontradas diante da avaliação. Possibilitando, assim, a certeza de como avaliar, dos critérios que utilizará, dos reais objetivos, de se certificar acerca da escolha que fez para realização de terminada avaliação e desenvolver a consciência de que ela não é um ato a parte de um processo, mas que existe uma constante.

O segundo objetivo específico a ser analisado consiste em identificar as dificuldades apresentadas pelos docentes da Educação Profissional em relação a avaliação da aprendizagem. Assim os docentes discorrem que:

[...] a questão de deficiência, né? Muitas vezes a gente não sabe como avaliar bem, quando tem ali um aluno com alguma deficiência, seja deficiente visual, seja um aluno paraplégico, então às vezes a gente não sabe muito bem como lidar. E aí é uma formação que talvez, eu também esteja necessitando, né? no momento. (DOCENTE A)

[...] minhas principais dificuldades que eu tenho é na avaliação que às vezes eu uso um método de avaliação que engloba um perfil específico de aluno, alunos que são, alunos padrões, aí alunos que têm dificuldades pra esse tipo de padrão sofrem um pouco, daí o score deles cai bastante. Aí depois que eu vejo que o score caiu, eu tento mudar essa metodologia, buscar uma atividade que alcance esses alunos, mas às vezes quando eu vou fazer isso os alunos já estão com a média bastante baixa aí só vou fazer isso na metade do curso e aí eles têm que correr atrás pra recuperar. Às vezes recuperam, mas às vezes não recuperam. (DOCENTE B)

Eu tive alunos que eram dislexos e que eles não sabiam que eram dislexos e eu notava isso. Eu fazia prova separado teti-a-teti, venha cá! Você não consegue? Beleza! E começava conversar com ele e ali era avaliação, ele nem sabia que tava sendo avaliado, porque ele entendia o que eu falava, não conseguia ler o que eu escrevia, não conseguia escrever na prova o que ele tinha entendido. E ali qualquer outro professor dava zero e passava pra frente, bom, um problema a menos pra mim. (DOCENTE C)

Conforme as narrativas dos docentes as dificuldades encontrados na Educação Profissional consistem principalmente em não terem noções básicas de como ocorre o processo de avaliação, as etapas a serem cumpridas. Destarte, essas dificuldades se aprofundam ainda mais quando têm que buscar diferentes formas de avaliar alunos com algum tipo de deficiência, considerando que o ato de avaliar alunos comuns por si só já é complexo, quanto mais quando se deparam com alunos com alguma necessidades específica.

Ainda nessa perspectiva, Pena (2018) afirma que o professor da Educação Profissional até tem amplo conhecimento na sua área de atuação estendendo-se muitas vezes a nível de pós-graduação *Stricto Sensu*, porém, muitos não têm formação que atenda as especificidades do magistério. Sendo assim, reside a necessidade de formação continuada com vistas ao desenvolvimento profissional docente que vise sanar ou minimizar as dificuldades encontradas pelo docente no *lócus* da sala de aula.

Corroborando com a discussão, Gariglio e Burnier (2012) afirmam que os docentes da Educação Profissional “[...] ressentem-se da falta de um *corpus* de conhecimentos que balize suas escolhas dentro e fora da sala de aula, nas relações com os alunos, com os colegas, com outras instituições, com o mundo do trabalho e com a sociedade em geral.” Isso gera uma insatisfação e conseqüentemente o professor vai agindo intuitivamente a partir de saberes da experiência.

Vale ressaltar que não estamos desmerecendo o conhecimento adquirido por esses profissionais na formação inicial, muito pelo contrário, são extremamente necessários. Entretanto, somente eles, são insuficientes para lidar com a atividade docente e as problemáticas surgidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, e muito menos

compreender como se organiza, se configuram as diferentes etapas do ensino e suas nuances, as diferentes formas de abordagem da avaliação da aprendizagem, as teorias que fundamentam o ensino e que influenciam de maneira considerável no processo de aprendizagem dos alunos.

Para Gariglio e Burnier (2012), a Educação Profissional é uma modalidade educativa que tem suas peculiaridades e dentre elas está o fato de ser exercida por profissionais que se formaram em áreas técnicas e que são distantes do campo da educação e que muitos deles não tiveram acesso a formação pedagógica em momentos anterior a atuação na docência. Além do mais, as experiências vivenciadas por grande parte desses profissionais são restritas ao campo técnico, conseqüentemente isso também influencia no processo de formação dos alunos.

Todavia, vale ressaltar que a avaliação não é uma demanda específica somente dos professores da Educação Profissional, sobretudo os bacharéis docentes, mas se estende aos demais professores de formação, por se tratar de uma temática instigante e provocadora de inúmeras discussões tanto de âmbito nacional quanto internacional, sobretudo, por sua expressiva importância dentro e fora do contexto escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao versar acerca dessa temática é notória a real necessidade de aprofundamento teórico-prático por parte dos docentes da Educação Profissional, bem como de práticas investigativas em torno da avaliação nessa modalidade de ensino.

Vale ressaltar, que reside a urgência em práticas formativas que venham atender as demandas desses professores, haja vista sua formação ser limitada ao trabalho técnico. Assim, se estabelece o anseio por formações que levem o professor, não àquelas aligeiradas e descontextualizadas, sobretudo que venham fomentar o desejo de mudança de atitude, de procedimentos e que também os despertem para o campo investigativo a fim de que possam produzir conhecimento a partir de suas experiências e da aquisição de novos conhecimentos. É preciso romper com essa visão de que o professor da EP não necessita de aprofundamento em outras áreas do conhecimento, pois os estudos evidenciam cada vez mais que essa é uma necessidade que permeia profundamente o campo educacional.

Entretanto, as políticas de formação para os professores da EP não têm se efetivado como deveriam, haja vista ainda serem incipientes, com pouco alcance junto aos docentes dessa modalidade de ensino. Assim, tem sido dada pouca relevância a formação continuada desses profissionais e enfraquecendo a política de formação continuada.

Portanto, respondendo a questão problema: quais percepções os docentes da Educação Profissional têm em relação a avaliação da aprendizagem? Os professores demonstraram superficialidade em termos de conhecimento da temática em questão, apontando que têm dificuldades reais em efetivar a prática avaliativa no seu cotidiano e são reconhecedores que necessitam de formação que venha atender a essa necessidade formativa, sobretudo reside o desejo de mudar.

Assim, não cabe aqui findar essa discussão, mas apenas dá um até breve, dada a importância da temática, e sendo que trazemos apenas um recorte da questão, muitos ainda são os pontos de questionamentos que carecem de aprofundamento. Porém, acreditamos que a avaliação é um tema que sempre terá espaço para grandes discussões tanto no cenário nacional quanto internacional, mas que necessitamos está contribuindo para a continuidade do debate a partir de problematizações nos espaços intra e extraescolares.

## REFERÊNCIAS

- BERTAGNA, Regiane Helena; SORDI, Mara Regina Lemes de. Avaliação educacional: um campo em movimento e disputa. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 36, n. 99, p. 129-133, maio-ago., 2016 133. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0101-326220160002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-326220160002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 jul. 2019.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **A investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- FERNANDES, C.; FREITAS, L.C. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- GARIGLIO, J. A.; BURNIER, S. Saberes da docência na educação profissional e tecnológica: um estudo sobre o olhar dos professores. **Educação em Revista**. v. 28, n. 1, 2012, p. 211-236. Disponível em: <http://educacaoemrevistaufmg.com.br/edio-anterior/educacao-em-revista-vol-28-no-1-ano-2012/>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; ASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente e profissão docente**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.
- PENA, G. A. C. Necessidades formativas de professores dos institutos e desenvolvimento profissional docente. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**. Natal, v. 2. n. 15, 2018. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/index>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- SOUSA, L. M. A; MOURA, M. G. C. A especificidade da docência na educação profissional e tecnológica: Desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**. Natal, v. 1. n. 16, 2019. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/7506>. Acesso em: 25 mar. 2019.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.